

PANE, AMORE E FANTASIA/ 1953

Pão, Amor e Fantasia

Um filme de Luigi Comencini

Realização: Luigi Comencini / **Argumento:** Luigi Comencini, Ettore Maria Margadonna / **Fotografia:** Arturo Gallea / **Direção Artística:** Gastone Modin, Gino Rissone / **Montagem:** Mário Serandrei / **Música:** Alessandro Cicognin / **Intérpretes:** Vittorio De Sica (António Carotenuto), Gina Lollobrigida (Maria De Retis, aliás «La Bersagliera»), Marisa Merlini (Annarella Mirziano), Virgílio Riento (padre D. Emídio), Tina Pica (Caramella, a criada), Maria-Pia Casilio (Paoletta, a sobrinha do padre), Roberto Riso (o carabineiro Pietro Stelluti), Memmo Carotenuto (o carabineiro Sírío Baiocchi), Vittoria Crispo (Maria Antónia de Retis, mãe da «Bersagliera»), Guglielmo Barbabò (D. Concezio), Gigi Reder (Ricuccio), etc.

Produção: Marcello Girosi / **Cópia:** da Cineteca Nazionale (Roma), 35mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português / **Duração:** 90 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, em 22 de Dezembro de 1953 / **Estreia em Portugal:** cinema Tivoli, em 29 de Novembro de 1954; **Reposição:** cinema Roma, em 23 de Julho de 1969.

Visto à distância, **Pane, Amore e Fantasia** não é um filme particularmente importante, comparado com muitas outras obras italianas que lhe são contemporâneas. Contudo, ele acabou por ocupar um lugar de destaque ao provocar uma mudança de estilos e de temas no cinema italiano. Até então este encontrava-se dominado pela corrente neo-realista (as principais críticas que, então, se fizeram ao filme de Luigi Comencini incidiam sobre o facto de se mostrar como uma espécie de neo-realismo «cor-de-rosa», isto é, explorando o miserabilismo que caracterizava aqueles filmes, com a comédia amena, brincando com os pequenos vícios populares em tom de amena auto-crítica), à sombra da obra de realizadores como Rossellini, Vittorio de Sica, Luigi Zampa e alguns Lattuada. O movimento dava já sinais de si e esgotamento e as mudanças eram inevitáveis dentro da indústria. **Pane, Amore e Fantasia** foi «apenas» o filme que provocou a mudança, graças ao estrondoso sucesso de público que encontrou e que deu origem a uma breve série, mas também a um «estilo» de comédia que seria imitada, inclusive, fora da Itália. Comencini agarraria no ano seguinte nas suas personagens deste filme, o brigadeiro dos carabineiros Carotenuto (De Sica), a «Bersagliera» (Lollobrigida) e os seus pares, para uma sequela que foi outro sucesso: **Pane, Amore e Gelosia/Pão, Amor e Ciúme**. Um ano depois, seria a vez de Dino Risi pegar no inefável De Sica carabineiro para o juntar a Sophia Loren em **Pane, Amore e.../Pão, Amor e....** O método passou além-fronteiras e em 1959 radicou-se em Espanha onde

foi a vez de Carmen Sevilla estar ao lado de um (convidado) De Sica em **Pan, Amor y Andalucia/Pão, Amor e Andaluza**. Os filmes foram tão populares entre nós, que não faltou por cá a tentativa de imitação, a cargo de Henrique de Campos em 1964: **Pão, Amor e Totobola** (sem De Sica!).

Pane, Amore e Fantasia foi também o filme que fez de Luigi Comencini um director que os produtores começaram a ter em atenção. Ao fenómeno que este filme representou, juntou-se também o das comédias populares citadinas a partir de 1957, com **Mariti in Città** e, principalmente, **Moglie Pericolose/Mulheres Perigosas** (1958), outro campeão de bilheteira. Produções populares que dirigia alternando com outras em que melhor se expunham as suas preocupações à volta dos problemas da infância e onde se encontram as suas obras melhor recebidas pela crítica. **Pane, Amore e Fantasia** era já o oitavo filme de Comencini, destacando-se entre eles uma incursão «realista» com **Persiane Chiuse/Persianas Corridas** e uma singular e divertida homenagem ao cinema e às cinematecas (Comencini foi um dos fundadores da Cineteca de Roma) que se chama **La Valigia dei Sogni** (1953). Pode dizer-se também que este filme terá sido o maior contributo para fazer de Gina Lollobrigida uma vedeta. Embora já com mais de duas dezenas de filmes na sua carreira, e algumas incursões além fronteiras (**Fanfan la Tulipe**, de Christian-Jaque, **Les Belles de Nuit/O Vagabundo dos Sonhos**, de René Clair, **Beat the Devil/O Tesouro de África**, de John Huston), foi com o filme de Comencini que se criou uma «imagem» típica que a celebrizou e acabou por empurrá-la para Hollywood.

A «mudança» surge em **Pane, Amore e Fantasia** através do tom irónico com que se apresentam cenas familiares ao público italiano através dos muitos filmes neo-realistas produzidos desde o pós-guerra. O começo do filme, com a chegada do novo chefe dos carabineiros (De Sica) a uma pequena aldeia é revelador deste espírito. O seu objectivo não é mais do que comer bem e fazer umas conquistas amorosas, lançando, logo um olhar lúbrico à jovem «bersagliera» que passa pela estrada montada num burro, e interrogando o auxiliar se ela seria uma prostituta. À entrada da aldeia Carotenuto observa umas ruínas e pergunta: «Bombardeamento?», ao que o auxiliar responde, «Não. Terramoto». Mais adiante, outras ruínas e à pergunta, «Terramoto?», recebe a resposta, «Não. Bombardeamento». Assim, com esta ironia de contrários, o filme procede, desde logo, a uma distanciação em relação à Itália do pós-guerra traumatizada pelas ruínas e bombardeamentos, e pode dar início a uma amena comédia de costumes, com umas indirectas à Igreja sem grande intenção crítica (como o seu contemporâneo **Don Camillo**, de Duvivier) e à força armada dos carabineiros, através dos retratos pitorescos dos seus membros. Comédia a que não falta um pouco de inofensiva brejeirice ao abordar os ímpetos amorosos de Carotenuto, primeiro com a «bersagliera», depois com a eleita do seu coração, a parteira Annarella.

Manuel Cintra Ferreira